Discurso do Presidente da República em exercício, José Alencar, durante a Feira Internacional de calçados, acessórios de moda, máquinas e componentes - FRANCAL 2008
São Paulo - SP, 01 de julho de 2008

Ilustre presidente da Francal, Abdala Jamil Abdala,

Meu caríssimo e eminente amigo, senador Romeu Tuma, em nome de quem quero cumprimentar a todos os parlamentares aqui presentes, das esferas federal, estadual e municipal,

Quero cumprimentar o senhor Claury Santos Alves da Silva, secretário estadual de Esportes, Lazer e Turismo, neste ato representando Sua Excelência, o senhor governador José Serra,

Cumprimento o senhor Sidnei Franco da Rocha, prefeito municipal de Franca, em nome de quem saúdo todos os prefeitos e vereadores aqui presentes,

Cumprimento o meu caríssimo e eminente amigo, Paulo Skaf, ilustre presidente da Federação das Indústrias do estado de São Paulo,

Cumprimento o ilustre presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados, doutor Milton Cardoso,

Cumprimento o senhor Marconi Leonel Matias dos Santos, presidente da Associação Brasileira de Logística, com quem eu faço (inaudível) da Ablac,

Cumprimento o senhor Francisco Santos, presidente da Couromodas,

Demais autoridades aqui presentes,

Representantes da imprensa e dos demais poderes,

Senhoras e senhores,

É para mim motivo de excepcional satisfação poder estar aqui hoje com vocês. Eu recebi a visita de dirigentes desta Feira e lhes prometi que faria tudo

para estar aqui hoje. Coincidentemente, estou também na condição de presidente em exercício e gostaria de me desincumbir de um pedido do presidente Lula, de que trouxesse a todos vocês o seu abraço. Ele está hoje fora do Brasil, num encontro inadiável, mas gostaria muito de estar aqui na abertura da 40ª Francal. Quero também dizer a vocês que nós, de Minas Gerais, conhecemos bem as características competitivas brasileiras da produção de calçados, apesar de tudo o que foi objeto de levantamento trazido pelos oradores que passaram por esta tribuna.

O Brasil é um país que possui condições excepcionais para determinados tipos de atividade, e a atividade calçadista é uma dessas atividades para as quais o Brasil tem vocação natural, desde a produção da matéria-prima. Está aqui o ministro Pratini de Morais e ele sabe o que é a força da qualidade do couro brasileiro. Ele é um homem que conhece pecuária, que conhece a qualidade do couro que nós produzimos, desde a matéria-prima básica passando pela criatividade, que é muito própria do artista brasileiro. O design brasileiro é reconhecido hoje em toda parte. Prova disso é que o setor, como foi dito aqui, exporta coisa de 2 bilhões de dólares. Isso significa capacidade competitiva, ainda que as condições não sejam tão favoráveis para a conquista desses mercados, tendo em vista fatores que também já foram abordados, mas que eu não deixarei de passar por eles.

Nós não podemos, de forma alguma, perder oportunidades como esta para trocar idéias. Aqui estão produtores de calçados dos mais variados setores ou subsetores da atividade. Por exemplo, no meu estado há uma cidade que não é grande município, que tem centenas de indústrias de tênis. Franca está na divisa com São Paulo, e nós, às vezes, fazemos uma confusão: Franca é de Minas. É a vontade que nós tínhamos de que Franca nos pertencesse.

O Brasil tem dado provas de que pode, perfeitamente, competir na indústria de bens de consumo, como é o caso do calçado, dos têxteis, das

confecções, dos móveis. Nós temos condições excepcionais, mas precisamos – e eu falo muito isso no governo – valorizar a produção, prestigiar o trabalho. Apesar disso, nós temos adotado uma política... Eu até fiz um compromisso comigo mesmo, vindo do aeroporto para cá: não vou falar de juros. Então, não vou falar de juros, vou falar de custo de capital.

A grande verdade é que é um despropósito o custo de capital no Brasil. Não há nenhuma atividade produtiva capaz de remunerar os custos financeiros do nosso País. Se um cidadão, com uma fábrica de calçados em Nova Serrana ou em Franca, no Rio Grande do Sul ou em Fortaleza, naquelas cidades do Ceará que acolheram grandes indústrias também, no Brasil inteiro, se um dos industriais leva a sua duplicata legítima a um banco para desconto, ele está transferindo tudo aquilo que pode fazer e até o que não pode, tendo em vista as taxas que lhe são cobradas no Brasil. Então, o custo de capital no Brasil é realmente um despropósito. Nenhum país tem esse entrave como nós temos, e tudo isso começa com a administração da taxa básica de juros, que no Brasil se chama Selic.

Nos primeiros quatro anos de governo, nós gastamos quase 600 bilhões de reais de juros na rolagem da nossa dívida. Nos segundos quatro anos – já tem um ano e meio –, as expectativas são de que iremos ultrapassar, no segundo mandato, mais de 600 bilhões de reais de juros. Então, a rubrica relativa à taxa de juros com que nós rolamos nossa dívida é a rubrica mais pesada no orçamento de despesas da União, e desnecessária porque a taxa básica média real do mundo não tem nada a ver com isso. Para vocês terem uma idéia: a taxa básica média real de 40 países que podem ser arrolados como exemplo – que estão na faixa de países desenvolvidos e também em desenvolvimento – é de 1%. A nossa taxa básica real hoje é de quase 7% e isso significa uma taxa básica 7 vezes superior à taxa básica média real do mundo. O Brasil não é um país de terceiro mundo, ao contrário, o Brasil é um país de primeiríssimo mundo em todos os sentidos. **(falha na gravação)**

Agora tem petróleo, graças a Deus. Então, o Brasil tem que romper com esse tratamento ingênuo que oferece à indústria nacional. Países e mais países exercem uma política, não só protecionista, como de autofavorecimento às indústrias já instaladas, tanto que muitos industriais brasileiros passaram a fazer visitas a países da Ásia para ver que regime é esse em que eles estão trabalhando, que podem fazer competição conosco da forma que fazem, no nosso mercado. Então, chegam lá e vão descobrir que são países – e nós não queremos isso – que não têm compromisso com o aspecto social da mão-de-obra, são países que fazem vista grossa ao faturamento das mercadorias que são exportadas, permitindo que haja subfaturamento de até 90%, o que acaba, obviamente, deixando absolutamente "intransparentes" as taxas aduaneiras que são cobradas nas importações. A própria administração da taxa básica de juros no Brasil é fator que tem contribuído grandemente para esse câmbio que estamos vivendo, que é um câmbio que desfavorece a indústria brasileira. É claro que nós temos tido sorte porque as commodities, de um modo geral – tanto as commodities agrícolas como as minerais –, têm alcançado tal preço que acaba, de certa forma, empanando, escondendo um pouco das dificuldades que nós estaríamos passando hoje no mercado internacional, tendo em vista o câmbio.

Para vocês terem uma idéia, em 1999 era o câmbio de hoje. De 1999 até agora, nós tivemos, no mínimo, uma inflação média de uns 4% ao ano. Quatro por cento ao ano, como todos sabem, significa a cada 12 anos, coisa de 60%. Então, vamos admitir que haja uma diferença de custo, de 50% por força da inflação nesse período, e a taxa é aquela. E aquela taxa nos levou a uma situação difícil. Nós chegamos a exportar calçados no Brasil, com o câmbio de quase R$ 4,00/dólar. Depois, R$ 3,50. Alguém dizia assim: "Esse câmbio vai chegar a R$ 3,00". E alguns industriais falavam assim: "Não é possível, nós não agüentamos". Ele chegou a R$ 3,00, depois chegou a 2,80. Outro dia vai chegar a R$ 2,50 e aí nós estamos fritos. Ele chegou a R$ 2,00, e agora está a

R$ 1,60. Então, é realmente uma coisa admirável, um setor que trabalha com seriedade como o setor calçadista, exportar 2 bilhões de dólares diante dessa situação.

A política cambial e de juros no Brasil, é uma política que transfere recursos da produção, o que vale dizer do trabalho, em benefício do sistema financeiro. Eu tenho me batido diuturnamente contra isso. Provavelmente, eu tenha tido algum sucesso, porque a taxa, quando nós chegamos era 25% a Selic, hoje ela é 12, só a metade. Tudo bem é a metade, mas mesmo sendo a metade ela ainda é, do ponto de vista real, sete vezes superior, repito, à taxa básica média real do mundo. Então, isso é uma condição que nos atrapalha a vida.

O Paulo Skaf falou muito na transparência dos impostos na Reforma Tributária, que também foi objeto de abordagem de outros oradores. Nós sabemos que o Brasil precisa urgentemente de uma reforma tributária que simplifique o sistema tributário nacional. Nós temos meia dúzia de impostos indiretos, que são ICMS, IPI, PIS, Cofins, etc. E por que esses impostos são indiretos? Porque são pagos pelo consumidor. O empresário apenas é o intermediário, quem paga é o consumidor. Porém, o empresário às vezes tem que pagar esses impostos, praticamente à vista e sobre uma fatura que foi vendida a 120 dias. Eu não sei, no ramo têxtil nós vendemos muito a 120 dias, a 150 dia, a 180 dias. Calçado eu não sei, mas deve ser no mínimo 90 dias. Praxe 60 dias, e normalmente industrial não sabe cobrar juros de ninguém. Falar em juros é nome feio e o industrial não sabe cobrar juros do freguês, ele não fala em juros e não fala mesmo, não é da boca para fora não, não fala mesmo. Ele se ilude, mas não cobra os juros e se cobrar também, não vende. Se ele falar de juros, ele espanta o freguês.

Então, vocês podem estar certos de uma coisa: há um esforço do governo no sentido de realizar uma reforma tributária. Porém, a reforma tributária não depende apenas da vontade do governo e da União. O Brasil é

uma República Federativa, os estados participam, há reuniões e mais reuniões na esfera, por exemplo, da Receita Federal dos estados. Tem um conselho, chamado Confaz, que é o Conselho Fazendário. Esse conselho se reúne discutindo reforma tributária. Cada estado tem a sua colocação. A nossa federação não é uma federação, como por exemplo, a dos Estados Unidos, onde cada estado legisla e os impostos lá se modificam completamente de um estado para o outro, mas aqui, o que nós gostaríamos é que os impostos indiretos, fossem unificados no Brasil, para simplificar a vida de todos, mesmo porque é um imposto sobre valor agregado, ainda que o ideal, seja como alguém disse aqui, cobrado ao pé da nota, como acontece, por exemplo, na Inglaterra, o VAT, que é o custo da mercadoria e está lá embaixo o VAT tanto, tipo 15%. É o imposto-consumo. Mostra para o consumidor que o preço da mercadoria é 10 e aquele 2 que está ali é imposto, não é da mercadoria, é do Estado. Isso é importante que haja na reforma tributária.

Mas tem que haver trabalho nesse sentido, não é porque está aqui presente, mas um dos líderes classistas que está sempre em Brasília, é o presidente da Fiesp, o Paulo Skaf. Às vezes ele até não me visita, não, porque eu sou governo que ele fala assim: “Eu estou falando tão mal aqui que eu não posso visitar o José Alencar que ele não me recebe”. Mas não, eu até admiro o trabalho do Paulo, acho que tem que haver um trabalho dessa natureza mesmo, porque nós temos que levar ao governo, informação. Informação séria, informação de quem produz, informação de quem trabalha, informação de quem enriquece o País e nós precisamos, também, fazer uma reforma da nossa mentalidade, fazer com que o brasileiro aprenda a aplaudir o lucro, a aplaudir a prosperidade. É através da prosperidade que nós vamos, obviamente, alcançar os objetivos sociais. Nós não vamos alcançar os objetivos sociais na miséria, e no Brasil, eu não sei o que foi, que a cabeça das pessoas as leva a condenar o lucro, como se o lucro fosse um pecado. Pecado é o prejuízo, o pecado é o empobrecimento. Então, reformas de mentalidade é

o que nós precisamos. O Brasil é um País rico em recursos naturais e humanos. Nós, hoje, somos uma nação de quase 200 milhões de pessoas, e o brasileiro é trabalhador, é pacato, é honesto, é bom, ele deseja ser útil. A melhor forma de distribuição da renda nacional é através da educação e da saúde. Então, imaginem se nós tivéssemos pagado, naqueles primeiros quatro anos, apenas a metade da taxa nominal com que rolamos nossa dívida, nós teríamos economizado 300 bilhões. Às vezes, 10 bilhões fazem falta para a saúde pública – às vezes, não, sempre faz falta –, para a educação. Nós teríamos tido 300 bilhões e, mesmo assim, a taxa que teríamos praticado naquele período seria de 3 a 4 vezes superior à taxa básica média real do mundo.

O mercado é a taxa básica média real do mundo. Esse é o mercado. É como se vocês, por exemplo, entregassem sua mercadoria para os representantes ou vendedores, e eles tivessem vendido tudo, só que venderam por 1/7 do preço, 1/6 do preço. Então, isso não pode, isso é errado. Eu tenho batido muito contra isso. As pessoas demoram... Ultimamente alguns economistas de muito valor estão colocando algumas questões parecidas, já começam a levantar dúvidas com relação a isso. Mas eu, como caipira da Zona da Mata mineira e produtor agrícola e industrial, aprendi a valorizar quem trabalha, quem produz. A criatividade no ramo de vocês é uma coisa que poucos países têm como o Brasil. Então, é mais um fator de grande força no setor calçadista brasileiro.

Eu não tenho dúvidas de que dias melhores virão. A reforma tributária terá que ser vitoriosa. São dois impostos pagos: o imposto de consumo, que no Brasil tem vários nomes, como eu já falei, e o imposto de renda, que em qualquer parte é assim mesmo, imposto de renda pessoa física e pessoa jurídica. Isso é assim mesmo, é inevitável, tem que ser e está correto. Mas os impostos de consumo deveriam ser um. É claro que teria que haver imposto sobre produtos industrializados como instrumento administrativo, (inaudível) de

importação e alguns produtos que precisam ser taxados a uma alíquota mais alta, como é o caso de coisas supérfluas ou até nocivas, como cigarro, álcool e outras coisas. Também como instrumento para exercer vigilância nas exportações e nas importações, um dos instrumentos também de defesa contra a inflação é tributário. Então, o imposto sobre produtos industrializados, que o governo tenha condições de manobrar, é importante. Há determinados momentos em que tem que taxar, a uma alíquota mais alta, determinados tipos de produtos que entram no Brasil para depredar a produção nacional. Isso não pode, então tem que ter um instrumento tributário também para isso.

Essas coisas todas, e que às vezes alguém pergunta: mas o que é, por exemplo, a Associação Brasileira das Indústrias de Calçados? É uma entidade representativa da classe. Nós temos que aprender a freqüentar a nossa entidade, levar os nossos problemas de cabeça erguida, como outros países fazem. O que é a Federação das Indústrias do estado de São Paulo? É uma entidade que congrega todos os sindicatos da área industrial, sindicatos patronais. Sempre tem muitos sindicatos patronais e cada um deles conhece o seu setor. Tem que tirar um tempo, à noite, para reunir, para levar informações, para levar contribuições, tem que ir a Brasília. É assim mesmo, é a democracia que Winston Churchill condenava, dizendo que a democracia é, de fato, um péssimo regime, só que não há outro melhor, ele falava. E é verdade. Então, nós temos que exercitar a democracia. Daí a razão pela qual não é tão fácil também para o governo tomar uma decisão imediata, mas tem que haver informação, para não dizer pressão. Essa pressão é santa, não é pecado, não. A pressão de quem trabalha e leva informações ao governo, é uma pressão de que o País precisa e de que todos os países precisam.

Nós estamos, por exemplo, considerando – eu não tenho nada contra a China, eu tenho admiração – a China uma economia de mercado, quando não é. Então, a concorrência em determinados setores de atividades aqui no País é desigual. Agora, não é só a China, há outros países. Que regime é o da China?

É um regime criado por uma metáfora. Morreu Mao Tse-tung, entrou Deng Xiaoping, um homem muito sábio. Ele diz assim: não importa a cor do gato – essa é a metáfora dele –, o que importa é que ele trace o rato. Os cientistas políticos já produziram isso: não importa a coloração ideológica, o que importa é o bem comum. Quando ele disse isso, o Gorbachev já havia publicado a Perestroika. Todo mundo já sabia que a experiência socialista de 70 anos havia fracassado na União Soviética. Então, não havia mais razão para se temer aquele tipo de aventura, porém, ele achava que precisava de alguma coisa de governo forte. Então, o que eles fizeram? Criaram um novo regime. Lá, o governo falou, está falado, é partido único, é o partido comunista chinês, e fim de papo, só que eles prestigiam a iniciativa privada, exceto nos setores estratégicos. Isso eles não abrem. Estão num regime diferente.

O Vietnã está começando a copiar esse regime, e nós não temos nada contra ele, mas nós temos que cuidar da nossa casa. Dentro da nossa casa estão os fabricantes de calçados, os sapateiros. Tem que se orgulhar de ser sapateiro, porque é uma atividade nobre, nobilíssima, e o Brasil tem condições de ser grande nessa atividade, muito maior do que é. Nós exportamos couro, até cru, couro salgado. Há pouco tempo eu vi pela imprensa, exportamos muito couro. Então, vejam que isso aí é uma pena, porque quantos empregos nós poderíamos gerar? Nós estamos gerando 300 mil na indústria calçadista, mas poderiam ser 3 milhões. Nós temos que aprender a pensar maior também. Nós pensamos meio pequeno. O brasileiro tem essa característica. Nós temos que crescer para valer. Agora, tem que haver compreensão disso. A reforma tributária é (inaudível), nós estamos trabalhando e ninguém precisa se iludir: será a reforma tributária possível e não a desejável. Na possível, (inaudível) do governo central, não. É possível, o imposto é para o País como um todo, para os estados, para os municípios e para nós mesmos.

Eu tinha anotado umas coisas para falar com vocês, mas não tem mais nada. O que tem é o seguinte... Vocês vejam como o pessoal ficou satisfeito

porque eu olhei aqui e não tinha mais nada. Eu gostaria de aproveitar a minha passagem por aqui para reiterar os meus votos de crescente sucesso para todos vocês nessa atividade tão nobre que vocês abraçaram. E podem estar certos: o governo é sensível, o presidente Lula é sensível como chefe do governo, há muitos outros ministros de Estado que são também muito atentos e trabalham em defesa dessas coisas todas que nós defendemos aqui. Agora, isso não impede... Ao contrário, isso até é uma demonstração de portas abertas do Brasil para receber vocês. Vamos trabalhar juntos, vamos procurar realizar alguma coisa que signifique um novo tempo para a indústria calçadista, um novo tempo para a indústria de bens de consumo no Brasil. Fiquem certos, absolutamente certos de que a indústria calçadista possui condições naturais oferecidas pelo próprio País para se transformar numa indústria muito forte, muito poderosa, aqui dentro e alhures, onde quer que seja, porque são poucos os que possuem a qualidade e o design brasileiros.

Então, meus amigos, vamos em frente. Quero desejar a vocês crescente sucesso, tudo de bom. Quando vocês estiveram lá, me convidando, eu disse que queria vir, mas como vocês sabem, eu estou em tratamento de saúde. Às vezes posso e às vezes não posso. Graças a Deus, eu pude vir aqui hoje, ainda que surpreendentemente entrou num dia em que eu estava na Presidência interina. Normalmente, quando acontece um dia assim, num único dia acumula alguma coisa da própria agenda do Presidente, que ele passa para mim. Normalmente, eu não deveria ter saído de Brasília. Mas mesmo assim agradeço a Deus por ter podido vir aqui, porque eu vejo na fisionomia de cada um de vocês, brasileiros legítimos que trabalham acreditando no que estão fazendo e têm dado um exemplo maravilhoso. O nosso passo é cada vez mais firme, graças à Francal.

($22A)